

Museu Angra do Heroísmo



agenda / jun.2020

<http://museu-angra.azores.gov.pt>

PRÉMIOS APOM: MELHOR PROJETO DE EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL 2019, MELHOR RESERVA VISITÁVEL 2016 E MELHOR SÍTIOS DA INTERNET 2015
MENÇÕES HONROSAS: COMUNICAÇÃO ONLINE 2017, TRABALHO JORNALÍSTICO/MEDIA 2014 E MELHOR SERVIÇO EDUCATIVO 2013



REABERTURA AO PÚBLICO
NO HORÁRIO HABITUAL:
TERÇA-FEIRA A DOMINGO
E EM DIAS FERIADOS:
10H00 ÀS 17H30

(RE) VISITE O SEU MUSEU COM A SUA FAMÍLIA E AMIGOS | ENTRADAS GRATUITAS AO DOMINGO.

ACOMPANHE-NOS TAMBÉM ATRAVÉS...



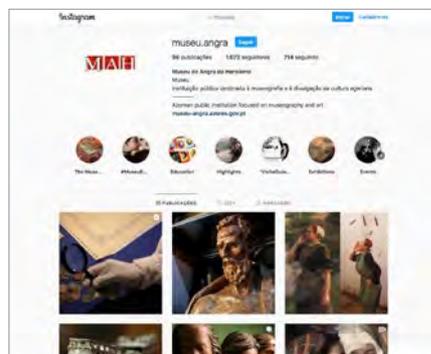
DO NOSSO SÍTIOS OFICIAL

<https://museu-angra.azores.gov.pt>



DO FACEBOOK

<https://www.facebook.com/MuseuDeAngraDoHeroismo/>



E DO INSTAGRAM

EXPOSIÇÃO ITINERANTE

CONCORDE: MAIS RÁPIDO QUE O SOM

AEROGARE CIVIL DAS LAJES, ATÉ 27 DE SETEMBRO



Esta grande maquete do avião Concorde, na escala 1/24, fixa na memória dos açorianos a Cimeira Atlântica de 1971, realizada na ilha Terceira, entre Richard Nixon, presidente dos EUA e Georges Pompidou, presidente da França, que viajou precisamente num Concorde. Marcelo Caetano, presidente do Conselho de Ministros à data, foi o anfitrião do encontro. O Concorde foi um dos dois únicos aviões supersónicos de passageiros fabricados no mundo, tendo sido produzido entre abril de 1965 (fabricação da primeira peça) e o final de 1978, pelo consórcio formado pela British Aircraft Corporation (BAC)

e a francesa Aerospatiale. Os voos comerciais começaram em 21 de janeiro de 1976 e terminaram em 24 de outubro de 2003, tendo sido operado apenas pelas companhias British Airways e Air France. Um acidente, em Paris, a 25 de julho de 2000, que provocou a morte de todos os passageiros, levou à paralisação de toda a frota francesa e britânica e é considerado como a principal causa do fim dos voos do Concorde. O presente modelo foi oferecido ao Museu de Angra do Heroísmo pelo diretor da própria empresa fabricante da aeronave e integra a Unidade de Gestão de Náutica e Aeronáutica.

MOSTRAS



VITRINE DE CURIOSIDADES / 13

BUCHA E ESTICA

3 DE MARÇO A 7 DE JUNHO

Estes dois bonecos em borracha, fabricados na China, cerca dos anos 60 do século passado, dão corpo à mais famosa dupla cómica da história do cinema, sendo conhecidos entre nós como *Bucha e Estica*, em inglês *Laurel & Hardy* ou *Stan & Ollie*. Tornaram-se oficialmente uma equipa em 1927, quando figuraram juntos na curta-metragem muda *Putting Pants on Philip* (*Pondo as Calças em Philip*), embora já tivessem bem estabelecidos na sétima arte. Protagonistas de mais de uma centena de filmes de comédia, com um lado sonhador, os seus espetáculos eram repletos de humor físico e desajeitado. Integram a Unidade de Gestão de Brinquedos e Jogos do MAH.

Sala Edifício de São Francisco | Memórias



VITRINE DE CURIOSIDADES / 14

SAMPANAS

SALA MEMÓRIAS DO EDIFÍCIO, DE 9 DE JUNHO A 5 DE JULHO

Estas peças são miniaturas de sampana, uma embarcação de origem chinesa, esculpidas em material natural, neste caso, caroço vegetal muito polido, em suportes de madeira pintada com base de feltro vermelho. Trata-se um trabalho artesanal de miniaturização, produzido no Extremo Oriente e executado com grande detalhe e rigor. Integram a Unidade de Gestão de Náutica e Aeronáutica do Museu de Angra do Heroísmo.

VISITAS GUIADAS

A Fortaleza de São João Baptista do Monte Brasil pode ser visitada e os seus mais de quatrocentos anos de história revividos através das narrativas de guias do Museu de Angra do Heroísmo. O percurso inicia-se no Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, onde tem lugar uma explicação prévia, seguindo depois para o interior da Fortaleza.

Horário (terças a domingo e feriados): 10h00 - 12h00 e 14h30 - 16h30

Taxa de ingresso por pessoa: 5,00 euros
(inclui visita ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima)

Frequência limitada a 20 pessoas por grupo

Agendamento através do telefone 295 218 383
ou do e-mail museu.angra.info@azores.gov.pt

O Museu de Angra do Heroísmo reserva-se o direito de cancelamento da visita, até trinta minutos antes da mesma, por motivos de ordem meteorológica.



Visitas Guiadas à

FORTALEZA DE SÃO JOÃO BATISTA DO MONTE BRASIL



Fotografias de Paulo Fernandes e Cristina Lourenço

EXPOSIÇÕES DE LONGA DURAÇÃO

**DO MAR E DA TERRA...
UMA HISTÓRIA NO
ATLÂNTICO**

Esta é a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolvendo-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretende aprofundar a cultura e história da Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição. O projeto expositivo parte do papel geoestratégico do arquipélago e articula-se com os planos suprarregionais do país e do Mundo, de forma a abranger outras dimensões tidas como fundamentais para a compreensão da história e cultura desta ilha.



E O AÇO MUDOU O MUNDO... UMA BATERIA SCHNEIDER CANET NOS AÇORES E PORTUGAL

Na sequência da reformas militares do Exército Metropolitano da transição do século XIX para o século XX, o Governo Português modernizou o armamento de artilharia com a aquisição de peças de tiro rápido. Para o efeito, tinha nomeado uma comissão de oficiais para examinar comparativamente os modelos produzidos nas fábricas Krupp alemã e Schneider francesa. Esta comissão optou pelo modelo 75 francês, por considerá-lo

“o mais perfeito e mais completo de todos os que tiveram ocasião de ver e apreciar”, tendo sido adquiridas, em 1904, 32 baterias (128 peças) m/904 para Artilharia Montada e 4 baterias (16 peças) m/906 para Artilharia a Cavalo, das quais fazem parte as peças que integram o acervo do MAH. Produto da tecnologia do aço e da inovação dos sistemas hidropneumáticos de absorção do recuo, as peças 7,5 cm Tiro

Rápido (TR) da fábrica Schneider Frères & Cie., adquiridas por Portugal, foram decisivas na vitória republicana de 5 de Outubro de 1910 e no desenrolar da Grande Guerra, com as peças modelo 75 francesas equipando parte das forças aliadas, entre elas o Corpo Expedicionário Português (CEP) enviado para França para intervir neste conflito. Já no contexto 2ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, as peças 7,5 cm TR m/904-06 e as m/917 Schneider-Canet (estas últimas trazidas pelo CEP) foram distribuídas pelas ilhas de S. Miguel, Terceira e Faial.

Na ilha Terceira, a bateria de 7,5 cm TR, mobilizada a partir do Regimento de Artilharia Ligeira N.º 1 (Évora), incorporou a 1ª Bateria de Artilharia Ligeira, tendo tomando posição na Praia da Vitória, operando como artilharia de costa. A partir de 1943, é posicionada na Nasce Água, em Angra do Heroísmo, operando em apoio directo aos vários sectores conforme as necessidades operacionais. A bateria 7,5 cm TR Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo **é a única completa em instituições museológicas**, incluindo os arreios m/1917, os armões de tração, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate.



OS AÇORES E A GRANDE GUERRA 1914-1918

Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores no que na época se convencionou designar pela «Grande Guerra». A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos e fotográficos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim da guerra e o que os jornais locais noticiavam sobre a sua evolução. Os países participantes na guerra são identificados através dos capacetes e objetos militares como armas, máscaras antigás, lanternas, sistemas de comunicação, imagens e sons que sugerem o ambiente e o quotidiano da guerra. É dado um destaque particular a personalidades como o Tenente-coronel José Agostinho e o Tenente Carvalho Araújo.





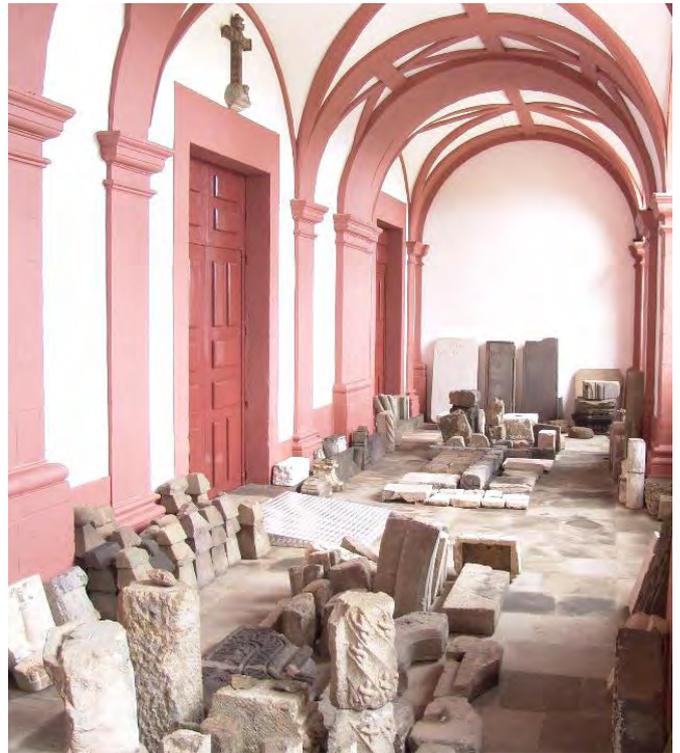
RESERVA VISITÁVEL DE TRANSPORTES DE TRACÇÃO ANIMAL DOS SÉCULOS XVIII E XIX

No espaço do antigo refeitório conventual decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX. Planeie um passeio demorado para melhor conhecer toda a diversidade apresentada.

RESERVA DE ESPÉCIES EM PEDRA | AS PEDRAS DOS HOMENS

Os Açores são, pela origem, território de rochas ígneas ou magmáticas, de natureza vulcânica, apresentando, algumas, vários milhões de anos (Ma) e outras escassas centenas, pois já pertencem ao tempo histórico ou de ocupação humana. Transfiguradas em objetos culturais, estes materiais transformam-se em testemunhos de cultura, espelho de vivências, costumes e necessidades.

A *Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo* reúne materiais variados desde elementos de epigrafia, como lápides e pedras tumulares, e de produção, como filtros de água, a espécies de heráldica, englobando pedras de armas de vários tipos e origens. Estão também representados componentes de arquitetura, como vergas ou padieiras, ombreiras, cunhais, cimalthas, capiteis, fustes, bases, arcos, merlões e peças escultóricas, decorativas e ornamentais.





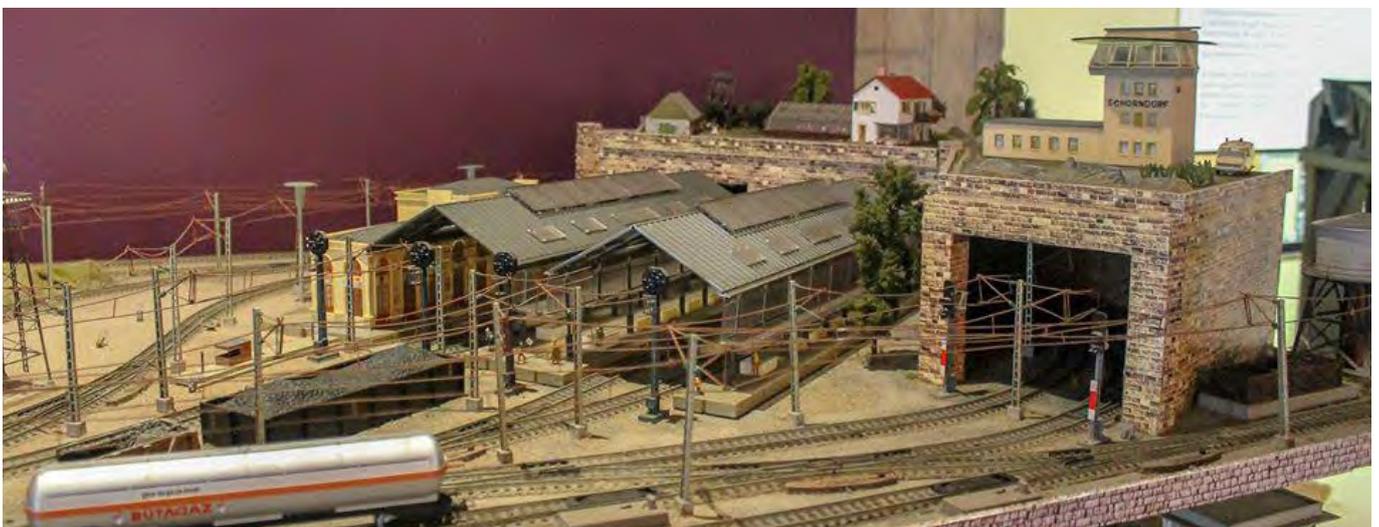
EDIFÍCIO DE S. FRANCISCO | MEMÓRIAS

Na sala junto à receção deste Museu, por onde o visitante normalmente inicia o percurso de descoberta das exposições, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, sob o título *Edifício de S. Francisco | Memórias*. Esta história começa com o povoamento e com a instalação junto à Ribeira dos Moínhos dos religiosos franciscanos em casas doadas por Afonso Gonçalves d'Antona Baldaia, o *Velho de S. Francisco*, e chega até hoje com a atividade desenvolvida por este Museu.



SALA FREDERICO VASCONCELOS

A Sala Frederico Vasconcelos homenageia a Família Vasconcelos, que, desde o último quartel do século XVIII até aos nossos dias, criou e desenvolveu negócios em variadíssimas áreas do comércio e da indústria com relevância no tecido económico local e regional, alguns dos quais ainda subsistem. Paralelamente, assume-se como um apontamento da história da Revolução Industrial possível nos Açores, vista através dos modos de ser e estar de uma família, do seu sentido de oportunidade e das mudanças de percurso dos seus investimentos que refletem os fluxos e refluxos do pulsar ilhéu.





IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GUIA

A Igreja de Nossa Senhora da Guia, anexa ao Edifício de São Francisco, é um exemplo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (*plain style*), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas. Edificada entre 1666 e 1672, esta igreja tem três naves: a central, que termina na capela-mor, a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia, e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da "mercearia" instituída por André Gomes em 1522.

Esta igreja tem o mesmo orago e ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir ainda no século XV pelo capitão Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da Ilha Terceira, junto à sua moradia, que depois doará aos primeiros frades franciscanos que para aqui vieram, tendo a capela passado a servir como igreja conventual.

Na sacristia, aberta ao público em 2018, depois de obras de

restauro efetuadas por técnicos afetos à Divisão do Património Material e Imaterial e Arqueológico da Direção Regional da Cultura, avulta, além de um teto de caixotão em talha dourada e policromada, centrado com as armas de São Francisco, um magnífico arcaz de madeira de jacarandá, atribuído a Mestre Manoel de Almeida (c. 1745), onde se apresenta um crucifixo com um cristo em marfim de origem indo-portuguesa e quatro braços-relicários. Destaque ainda para um fontanário, datado de 1722, com trabalho de alto relevo em pedra, flanqueado por colunas salomónicas.

Sobre a galilé e parte da nave central, encontra-se o coro alto, cujas paredes estão revestidas, acima do cadeiral, por um rico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, sendo a composição dos respetivos desenhos constituída por elementos da hagiografia franciscana. Junto ao coro, encontra-se um órgão, datado de 1788 e com o n.º 22, o mais antigo existente nos Açores da autoria de António Xavier Machado Cerveira, um dos maiores organeiros portugueses.

NÚCLEO DE HISTÓRIA MILITAR MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA



PREÇÁRIO

Ingresso individual 2.00€

DESCONTOS FIXOS:

Crianças até 14 anos: entrada grátis.

Visitas de estudo: entrada grátis.

Jovens entre os 15 e 25 anos: 1.00€

Reformados ou com idade igual ou superior a 65: 1.00€

Docentes de qualquer grau de ensino: 1.00€

Cartão Jovem Municipal: 1.00€

Grupos de 10 ou mais pessoas:

1.00€

HORÁRIO

Período de inverno:

1 de outubro e 31 de março

Terça-feira a domingo e em dias feriados: 9h30 às 17h00

Encerramento às segundas-feiras

O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova, acolhe a notável Coleção de Militar da do Museu de Angra do Heroísmo, sendo o único museu português não integrado no Ministério da Defesa subordinado a esta temática, em que estão representados os três ramos das Forças Armadas nacionais e estrangeiras.

Anteriormente repartida por vários núcleos e reservas, dado a diversidade, volume e quantidade das peças que a constituem, esta coleção é trazida ao público através de três exposições temáticas de longa duração, que, a par de uma explanação da evolução e funcionalidade das armas e de um convite à reflexão sobre as grandes questões éticas, morais e sociais inerentes aos conflitos bélicos, documentam a personalidade e vivências pessoais do patrono e a história do próprio edifício.

Composto por peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, projéteis, equipamento de logística, arreios, uniformes e condecorações, este acervo, na sua maior parte acomodado em reservas concebidas em obediência à tipologia dos diferentes materiais, reflete o interesse pela área militar e o espírito colecionista do primeiro diretor do Museu de Angra do Heroísmo, Manuel Coelho Baptista de Lima, que, durante mais de três décadas, garantiu por várias vias o seu enriquecimento.

O antigo Hospital Militar da Boa Nova é uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Baptista.



NÚCLEO DE HISTÓRIA MILITAR MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA



OS HOMENS, AS ARMAS E A GUERRA: DA FLECHA AO DRONE

Esta exposição de longa duração remete para a evolução das armas em articulação com a história da humanidade, organizando-se em cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, tornando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente. O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfragística, documentos gráficos e de belas artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.

MEMÓRIA E NOVIDADE: MANUEL COELHO BAPTISTA DE LIMA E O PATRIMÓNIO AÇORIANO

A exposição *Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano* visa historiar o desempenho deste intelectual angrense, referenciando a sua intenção de construir um discurso identitário e uma memória açoriana, dissonantes do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, e evidenciando o seu contributo para a utilização, no arquipélago, de novos modelos europeus de gestão e defesa patrimonial, que vão marcar a génese da ação pública regional nesta área.



O HOSPITAL REAL DA BOA NOVA

Sob este título, reúnem-se as memórias de uso do edifício que terá sido, tanto quanto se conhece, um dos mais antigos, senão o mais antigo hospital militar do mundo, já que, até então, os doentes civis e militares tendiam a misturar-se nas instalações existentes.

Tendo a sua raiz primeira no hospital de campanha trazido por D. Álvaro de Bazan, aquando da conquista da ilha Terceira, em 1583, o edifício filipino desenvolveu-se alinhado com a capela de Nossa Senhora da Boa Nova e crescendo, nos tempos de D. José I, com uma ampla enfermaria nova.

Os modos de ver a doença e a saúde, na sua relação com o sagrado e com as mezinhas e tratamentos arcaicos, bem como as memórias do que aconteceu neste edifício secular, são revisitados em painéis e peças, na antiga capela e sacristia anexa, recordando a assinatura da rendição espanhola, em 1642, após um memorável cerco de onze meses, mantido pela população e milícias da ilha Terceira, com auxílio das de outras ilhas dos Açores; a pregação de António Vieira, em 1654; a figura do cronista maior da Terceira, Manuel Luís Maldonado (1644-1711), autor da *Fenix Angrense* e administrador do hospital, que aqui está sepultado; e a instalação, durante algum tempo, do prelo inglês com que foi inaugurada a imprensa nos Açores.

